

EDUCAÇÃO (IN)FORMAL EM CINEMA NA PARAÍBA

Virgínia de Oliveira **Silva** – PROPED/UERJ-UFPB

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

Analisamos dois períodos da cinematografia paraibana, um vai de 1976 a 1984, concentrado em Campina Grande e João Pessoa, e o outro, de 2007 a 2015, revela a capilaridade de projetos educativos de formação, produção e exibição, vinculados ou não às universidades da Paraíba, suas redes contínuas e/ou pontuais, possibilitando a participação de jovens de diversas regiões do estado na realização audiovisual. São exemplos, dentre outros projetos, Paraíba Cine Senhor; Paraíba Cinema Adentro; VIAção Paraíba e Cinestésico - os dois últimos executam o Laboratório para Jovens Roteiristas do Interior da Paraíba–JABRE, no Cariri. Hoje se nota maior penetração geográfica e multiplicação quantitativa e qualitativa da produção paraibana. Se a geração anterior a esta deve parte de sua formação à bolsa para vivenciar o Cinema Direto na França, parte da atual geração, vinda do interior da Paraíba, obteve formação audiovisual pelo contato, em seu município ou na vizinhança, com projetos de Ongs ou de extensão universitária que foram ao seu encontro. A despeito das diferenças e semelhanças, e apesar da falta de investimento digno no Setor Audiovisual na Paraíba, essas duas gerações continuam fazendo cinema e com qualidade.

Palavras-chave: Cinema, Educação, Paraíba

EDUCAÇÃO (IN)FORMAL EM CINEMA NA PARAÍBA

Tempo/espço

Ao se conceituar algo na academia, em geral, determinam-se periodizações temporais e limites geográficos, envolvendo o que se entende por correntes, escolas, grupos, afinidades eletivas ou políticas, contemporaneidades, conterraneidades etc. Embora percebamos que este construto intelectual para abarcar um fato em seu processo histórico acabe por revelar mais as limitações e esquecimentos do que a capacidade de sua possível totalidade expressiva, incorreremos também aqui na (limitada) tentativa de socializar um pouco dos rumos da recente história do cinema paraibano.

Da significativa (a despeito das adversidades) cinematografia paraibana iniciada nos anos 1920 por Walfredo Rodrigues (*Sob o céu nordestino*, 1928), ao criar a *Nordeste Filmes*,

analisaremos 2 períodos em que se desenvolveram processos formativos consideráveis na área de cinema, envolvendo diferentes realizadores. Cotejaremos as ações formadoras realizadas em torno da produção cinematográfica paraibana (em geral, fora de qualquer recorte histórico nacional da área) de 1976 a 1984 e de 2007 a 2015.

Os números

Analisando os dados em sites oficiais dos governos dos 9 estados do Nordeste do Brasil, no que concerne às finanças do Setor Audiovisual, os maiores investidores são Pernambuco, Ceará e Bahia. Os outros ou não oferecem tal informação em seus sites ou anunciam valores desprezíveis à área. Pernambuco é o primeiro colocado, já que, sem contar os R\$8.500.000,00 federais, destinou R\$11.500.000,00 à Produção Audiovisual em 2014.¹ O Ceará anunciou, para o Setor em 2014, R\$7.660.000,00², além dos R\$2.923.300,00, reservados em edital misto³, perfazendo R\$10.583.300,00. Em 2013, a Bahia destinou R\$6.500.000,00 para o Audiovisual estadual⁴. Enquanto a Paraíba, na direção contrária, depois de diversas mobilizações e tentativas de negociação promovidas pelo *Fórum do Audiovisual Paraibano* (que reúne amantes e profissionais do Setor) com os representantes da área da Cultura no governo, somente em 2012 instituiria o 2º *Prêmio Linduarte Noronha*⁵, investindo ínfimos R\$375.000,00 para todo o Setor Audiovisual do estado (a 1ª edição, em 2009, ofertou medíocres R\$200.000,00⁶) e só liberaria tais recursos um ano depois⁷.

Não obstante este cenário adverso, o site da *Agência Nacional de Cinema-ANCINE*⁸ informa que no NE, a PB, atrás de PE e da BA, disputa o 3º lugar com o CE em relação à produção cinematográfica. Uma causa disso se nota na intensa interiorização da produção audiovisual na Paraíba, promovida por Projetos de Extensão Universitária e de outras naturezas, como veremos adiante, ao lado da já consolidada (mas ainda desvalida financeiramente) produção do eixo João Pessoa (JP) - Campina Grande (CG). Esse crescimento se revela na quantidade de realizadores contemplados por essa capilaridade geográfica e na qualidade da produção, sobretudo de curtas-metragens, que, a despeito de todas as dificuldades que traduzem o cotidiano do Setor Audiovisual da PB (e que precisam ser enfrentadas e solucionadas), vem rompendo fronteiras, participando de inúmeros festivais e mostras, conquistando impressionante índice de premiações nacionais e internacionais,

¹ Cf. <http://www.cultura.pe.gov.br/canal/funcultura/secretaria-de-cultura-divulga-resultado-do-7o-edital-funcultura-audiovisual>.

² Cf. <http://www.secult.ce.gov.br/index.php/cinema-e-video/category/106-xi-edital-de-cinema-e-video-2014>.

³ Cf. a soma dos valores em <http://www.secult.ce.gov.br/index.php/mecenas/category/100-vi-edital-mecenas-2013>.

⁴ Cf. <http://www.cultura.ba.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/18-Audiovisual-2014.pdf>.

⁵ Cf. <http://www.paraiba.pb.gov.br/cultura/edital-linduarte-noronha>.

⁶ Cf. <http://www.clickpb.com.br/noticias/cultura/maranhao-institui-premio-linduarte-noronha-de-curta-metragem/>.

⁷ Cf. <http://www.paraiba.pb.gov.br/64273/secult-finaliza-pagamentos-do-premio-linduarte-noronha.html>.

⁸ Cf. <http://www.ancine.gov.br/>.

projetando o cinema paraibano para além de seus limites, enquanto, ao mesmo tempo, promove o reconhecimento de seu potencial criativo e realizador e oferece elementos para o aquecimento de suas divisas artístico-econômicas, gerando arte, cultura, sonhos, esperança, possibilidades, emprego, prestação de serviços e renda.

Super-8 e França

O primeiro dos períodos analisados, de 1976 a 1984, encontra-se registrado por MIRANDA & RAMOS (2012) e pela literatura especializada, destacando-se, em nosso recorte espacial, suas ações e seus efeitos concentrados em duas cidades da Paraíba: JP e CG. Como afirma Bernardet (2009, p. 170), a tendência do cinema nacional de então era a de sua industrialização e, desde 1974, a Paraíba era um dos raros estados nacionais que sediavam um estúdio cinematográfico em 16mm: o *Cinética Filmes LTDA* do piauiense radicado em CG, Machado Bittencourt⁹ (*O último coronel*¹⁰, 1975; *Campina Grande: da prensa de algodão, da prensa de Gutemberg*¹¹, 1975), que criaria também a *Fundação Nordestina de Cinema-FUNCINE*, extinta com a Embrafilme em 1990.

Em Campina Grande, a produção e a formação cinematográficas, naquele momento, giravam em torno dos projetos da *Cinética*, sobretudo para a TV Borborema, segundo Azevedo (2013, p. 122), a única TV do estado à época, e dos debates realizados após as exibições do *Cineclube Humberto Mauro*, organizado por, dentre outros, Mica Guimarães, Roberto Coura, Arly Arnaud, os irmãos Rômulo e Romero Azevedo (*23 Barões*, 1982¹² e *Por exemplo: Caxundé*¹³, 1977) e José Umbelino Brasil (codiretor com Romero Azevedo de *O que eu conto do sertão é isso*¹⁴, 1978¹⁵), no Museu de Artes de Campina Grande e a partir do estabelecimento do Curso de Comunicação Social pela Universidade Regional do Nordeste-URNE, em 1974 (HOLANDA, 2008), atual Universidade do Estado da Paraíba-UEPB.

Em João Pessoa, as ações formativas no início dos anos 1980 deram-se a partir do convênio técnico e cultural entre o *Centro de Formação em Cinema Direto de Paris* e o *Núcleo de Documentação Cinematográfica-NUDOC*, fundado por Jurandy Moura e outros cineastas, na Universidade Federal da Paraíba-UFPB, promovendo um ateliê de cinema direto na cidade e o intercâmbio de estudantes na França. Isto possibilitou a existência de um nicho

⁹ Cf. o descaso com a memória do cinema paraibano em *O fio da Memória*, 2008, de Gian Orsini e Lúcio Vilar, em www.youtube.com/watch?v=2gOk6SpBuYE e parte da história de Machado Bittencourt no *Programa Diversidade*, da TV Itararé de Campina Grande-PB, em www.youtube.com/watch?v=u48hEz3lc7I.

¹⁰ Melhor Filme do Brasil fora do eixo Rio/SP-Jornada de Salvador de 1975.

¹¹ Prêmio de Seleção Embrafilme, Instituto Nacional de Cinema-INC, 1975.

¹² Cf. <https://vimeo.com/92135104>.

¹³ Melhor filme documentário, JB/Shell, 1977.

¹⁴ Melhor Filme, Festival JB/Shell, 1979.

¹⁵ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=M2L3iUeW0LA>.

produtivo, em termos qualitativos e quantitativos, dado a efetivação de estágios em *Cinema Direto*, em Paris, sobretudo na linha conceitual de Jean Rouch, diretor do *Comitê do Filme Etnográfico da França*, e responsável por esta ação que possibilitou ao NUDOC não só comprar, na primeira fase do convênio, equipamentos audiovisuais para a produção em Super-8, e, na segunda, uma câmera de 16mm, como também tornar-se produtor da maior parte da cinematografia paraibana do período.

Citamos aqui alguns frutos desta experiência francesa: diretores e as respectivas obras em Super-8, várias delas disponíveis no Vimeo¹⁶ em canal do *Projeto Cinema Paraibano: memória e preservação*, patrocinado pelo *Programa Petrobras Cultural*, pelo Ministério da Cultura-MinC e pela *Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão da Paraíba-FUNAPE*, em parceria com o *Laboratório de Antropologia Visual-ARANDU* e o NUDOC-UFPB, que catalogou e digitalizou 88 filmes realizados em Super-8 e 4 em 16mm.

Segundo os estudos de LIRA (1986), o período que vai de 1973, quando o Super-8 teria chegado com maior expressividade à Paraíba, até o ano de 1976 comporia uma primeira fase de superoitistas paraibanos, algo ainda muito incipiente; mas, em 1979, já se iniciaria uma fase muito profícua de produção cinematográfica nesta bitola que só terminaria na metade da década de 1980, cujo marco inaugural seria *Gadanhô, 1979*¹⁷, documentário sobre o lixão do bairro do Roger, em plena capital paraibana (bem antes da realização de *Ilha das Flores*, 1989, de Jorge Furtado ou *Boca de Lixo*, 1993, de Eduardo Coutinho, filmes que possuem a mesma temática), dirigido por Pedro Nunes e João de Lima, então estudantes de Comunicação da UFPB, onde hoje lecionam. Segundo Lira (1986, p.6), *Gadanhô* “foi para o cinema superoitista, no final da década de 70 e início de 80, o que Aruanda representou para o cinema paraibano na década de 60. (...) A partir dele, o cinema paraibano em Super-8, (...) ressurgiu em forma de movimento.”

Tal suporte, por ser mais acessível à época, por exigir menor investimento econômico e por proporcionar maior mobilidade, teria sustentado a expressividade fílmica de boa parte dos realizadores paraibanos até os idos de 1986, quando perderia espaço para o VHS.

Ainda nos anos 1980, os realizadores de CG e JP, com o apoio da UFPB, através da FUNAPE, e alguns com o auxílio do *Atelier Varan*, realizariam curtas em 16mm, como *Manfredo Caldas*¹⁸ (*Cinema Paraibano 20 anos*, 1983¹⁹, codirigido com Walter Carvalho²⁰;

¹⁶ Cf. <https://vimeo.com/user26289868>.

¹⁷ Cf. <https://vimeo.com/93172315>.

¹⁸ Cf. depoimentos sobre Manfredo Caldas em www.youtube.com/watch?v=xmQarQXw92A.

¹⁹ Cf. www.youtube.com/watch?v=Rq1DLLeL_vcs.

²⁰ Cf. os troféus do Festival Aruanda-2009 dados a Walter Carvalho em www.youtube.com/watch?v=YEqYP3rJWh8.

Nau Catarineta, 1987), Machado Bittencourt (*Parahyba*²¹, 1985), Marcus Vilar (*24 horas*, 1985²²), Torquato Joel (*Itacoatiara - a pedra no caminho*, 1987²³), Vânia Perazzo (*Carnaval sujo*, 1988; *Palácio do Riso e Reino de Deus*, 1989).

Os realizadores campinenses aqui citados já eram ou tornar-se-iam professores universitários, em sua grande maioria, e continuariam a produzir cinema nas décadas seguintes: Machado Bittencourt (*Águas do São Francisco*²⁴, 35mm, 1993) foi professor da URNE/UEPB; José Umbelino Brasil (*A mãe*²⁵, 1998) é docente da Universidade Federal da Bahia-UFBA, Rômulo Azevedo (*O homem do Ligeiro: Memórias de Aluísio Campos*, 2011) é professor da UEPB; e seu irmão Romero Azevedo (*O gago apaixonado*²⁶, 2007) é docente da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, por exemplo.

Hoje, quase todos os realizadores de JP que participaram do referido intercâmbio continuam produzindo filmes, e tal como os campinenses, mais em suporte digital que em película, e são servidores da UFPB: professores ativos ou aposentados – Pedro Nunes (*Escola sem preconceitos*, 2012²⁷), Vânia Perazzo (*Por 30 dinheiros*²⁸, 2005, codirigido com Ivan Lhebarov, 2005), Elisa Cabral e Bertrand Lira (*Álbuns da Memória: Fotografia na Paraíba*²⁹, 2000), João de Lima e Manuel Clemente (*Péricles Leal - o criador esquecido*³⁰, 2005); ou funcionários – Torquato Joel (*Passadouro*³¹, 1999) e Marcus Vilar (*A canga*³², 2001).³³

As temáticas das produções campinenses e pessoenses daquele período são muito variadas e vão desde questões sociais, numa espécie de eterno tributo às origens do próprio Ciclo Paraibano de Documentário iniciado com *Aruanda* de Linduarte Noronha, em 1960, mas contemplando também quesitos relevantes ao processo embrionário no Brasil do final dos anos 1970 e do início dos anos 1980, daquilo que, mais tarde, seria, no percurso de construção da Nova Constituição Federal, a luta pelo alargamento da esfera cidadã, no que

²¹ Em 1985, recebeu os prêmios de Melhor filme de temática Nordestina - Fest CE; Melhor Fotografia - Fest Cine MA; Menção Honrosa - Festival de Brasília.

²² Cf. <https://vimeo.com/92119588>.

²³ Cf. <https://vimeo.com/92125382>.

²⁴ Último filme da Cinética Filmes que em 1985 mudara-se para João Pessoa.

²⁵ Prêmio Especial do Júri - Festival de Gramado, 1998.

²⁶ Troféu Machado Bittencourt-UEPB, ComuniCurtas, 2007.

²⁷ Cf. www.youtube.com/watch?v=wyguYC62oMc.

²⁸ Prêmio Humberto Mauro - Melhor Roteiro de Longa - Concurso Nacional de União de Escritores Brasileiros, 1998.

²⁹ Melhor Roteiro, Melhor Vídeo e Prêmio de Incentivo do Ministério da Cultura do VII FENART-João Pessoa, 2001. Melhores: Roteiro, Vídeo Nacional, Vídeo Documentário, Direção (Elisa Cabral), Trilha Original (Didier Guigue), Edição (Alain de Paula) no 24º Festival Guarnicê de Cine e Vídeo – Maranhão, 2001; IX Gramado Cine Vídeo, 2001: Melhores: Vídeo Nacional, Direção, Fotografia e Edição.

³⁰ Finalista do 2º Edital DocTV-2004.

³¹ Melhor Direção e Prêmio 500 Anos no Festival de Brasília-1999; Melhores: Fotografia, Montagem, Documentário e Direção de Documentário no Festival de Recife-2000; Melhores: Filme em 35mm, Fotografia e Direção no Festival de Gramado-2000; Prêmio Canal Brasil no Festival de Brasília-1999; e Melhor Fotografia no Cine Ceará-2000.

³² Direção de Fotografia do paraibano Walter Carvalho. Prêmios de Melhor Curta no Cine Ceará e do Júri Popular no Festival de Gramado; Melhor Música no Festival de Gramado; e Prêmio Canal Brasil no Festival de Gramado-2001.

³³ Citamos neste parágrafo um único filme de cada cineasta, somente para exemplificar.

tange a garantia de alguns direitos civis, tais como, segundo Amorim & Falcone (2013), ao apresentar a visão do cineasta e pesquisador Pedro Nunes sobre a produção da época, questões ligadas à sexualidade e à discussão de gênero; e reflexões estéticas sobre o próprio fazer cinematográfico, na medida em que se propunham, por vezes, a subverter a "linguagem documental mais convencional em filmes do início da década de 1980" (AMORIM & FALCONE, 2013, p. 8).

A produção paraibana deste período foi sendo reconhecida com premiações consideráveis em festivais locais, regionais, nacionais e do mundo. A despeito de todo o processo formativo capitaneado, sobretudo, pelas universidades, inclusive com incursões ao exterior do país e pelas pessoas cinéfilas reunidas na Paraíba em cineclubes e/ou academias, a produção cinematográfica paraibana estava bastante centralizada e ainda não ousava extrapolar o reduzido eixo JP/CG. Ou seja, era mais fácil mergulhar no estrangeiro, naquilo que lhe era "estranho", do que se aprofundar em suas próprias entranhas, por mais que as temáticas dos filmes produzidos revelassem certa preocupação de cunho social e de valorização cultural nordestina (Perazzo, por exemplo, mesmo filmando na França, enfocaria o cotidiano do exilado político e economista paraibano Celso Furtado). O interior era, quando muito, cenário para as narrativas cinematográficas elaboradas no eixo JP/CG que se mimetizava também (e ainda hoje) como polo econômico do estado.

Câmeras Digitais e Interiorização

O segundo período aqui analisado surge muito mais como o reflexo do vigor da vontade mobilizadora de indivíduos ligados à classe cinematográfica do que pelos efeitos de uma desejável (mas quase inexistente) política pública ou institucional local de incentivo e fomento às ações da categoria ou de aportes financeiros significativos instituídos pelo setor privado.

A partir de 2007 e se intensificando ainda mais no começo dos anos 2010, sobretudo com o advento das novas tecnologias digitais de captação de imagem (handycams, câmeras com 3 CCD, as DSLR) e de som (gravadores cada vez mais portáteis), e de sua vigorosa disseminação e circulação no mercado muito mais acessível ao consumidor mediano, começaria a ocorrer um processo de verdadeira capilaridade de projetos de formação, produção e exibição cinematográficas vinculados direta ou indiretamente às universidades da Paraíba, promovendo ações contínuas e/ou pontuais, levantando a possibilidade de se criar desejos subjetivos de participação no circuito de realização e exibição audiovisual entre jovens de muitas de suas 223 diferentes cidades, e por vezes gerando frutos reais.

São exemplos destes Projetos, o *Paraíba Cine Senhor*³⁴, iniciado em 2008, coordenado primeiro por Shirley Martins, ex-professora da UFPB, que atualmente leciona na Universidade Federal do Ceará-UFC, depois pelo jornalista Orlando Júnior, e que com o patrocínio do Banco do Nordeste-BNB, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social-BNDES e do Governo Federal exerce ações formativas em diferentes cidades do interior paraibano³⁵, com algum resultado de produção cinematográfica local, mas sem grandes penetrações além das fronteiras municipais; o *Paraíba Cinema Adentro*³⁶, organizado pela *Associação Brasileira de Documentaristas-Paraíba-ABD/PB*, com patrocínio do BNB, BNDES e Governo Federal, que promoveu em 2009 em cidades do interior a circulação do novíssimo cinema paraibano, realizado a partir de 2005, em exhibições seguidas de debates, distribuindo a instituições sem fins lucrativos das cidades que receberam ou não as ações do projeto 500 caixas com 3 DVDs, contendo cinebiografias curtas, produções que dialogam com outras cinematografias e tem a violência como tema, e filmes de conteúdo fantástico; o *VIAção Paraíba*³⁷, coordenado pelo já citado cineasta e funcionário da Coordenação de Extensão Cultural-COEX/UFPB, Torquato Joel, que, com o patrocínio do Programa BNB de Cultura, em parceria com o BNDES, com realização da UFPB e o apoio das Prefeituras das cidades que o recebem, exerce ações com maior continuidade no tempo dedicado aos jovens dos diferentes municípios em que desenvolve formação crítica nas linguagens do cinema, vídeo e televisão; e o *Projeto Cinestésico*³⁸, coordenado por Virgínia Silva, professora da UFPB, e que, sem qualquer financiamento, desde 2008, articula ensino (oficinas e minicursos), pesquisa (análise fílmica, levantamento histórico, catalogação de acervo e organização de videoteca) e extensão (mostras, festivais, produções, exhibições e debates). Ou seja, o Cinestésico aproxima educação e cinema, promovendo espaços de exhibições audiovisuais, sobretudo, através da *Mostra Interestadual do Cinema Paraibano-RJ/PB*, na 8ª edição em 2015, visando também a produção, a difusão e a exibição de audiovisuais em diferentes instituições do estado da Paraíba e do Rio de Janeiro.

O *VIAção Paraíba* e o *Projeto Cinestésico* vêm conseguindo desdobramentos muito interessantes como o *Laboratório para Jovens Roteiristas do Interior da Paraíba - JABRE*³⁹, organizado pelos seus respectivos coordenadores, oferecendo anualmente aos jovens

³⁴ Cf. <http://paraibacinesenhor.blogspot.com.br/> e <https://www.youtube.com/watch?v=mEqzsOgjiNM>.

³⁵ Cf. <https://www.youtube.com/channel/UCw8sFno7wLE3rxpxlczEVrQ>.

³⁶ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=1QwCT7DfGWI>.

³⁷ Cf. <http://projetoaviacaoparaiba.blogspot.com.br/> e www.youtube.com/watch?v=lnbMitzMrYM.

³⁸ Cf. <http://projetcinestesico.blogspot.com.br/>; https://www.youtube.com/watch?v=HBvE6UI_34I e <https://www.youtube.com/watch?v=wj7XymlM--Q>.

³⁹ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=TUILEUJ0ipg>; <http://projetojabre.blogspot.com.br/>; e <http://laboratoriojabre.blogspot.com.br/p/coordenadores.html>.

interioranos selecionados uma experiência de imersão coletiva durante 4 dias numa pousada do Congo, no Cariri Paraibano, para que transformem o argumento com o qual se inscreveram no Laboratório em um roteiro cinematográfico, pronto para disputar editais e ser apresentado a produtoras.

Se até muito pouco tempo, como vimos, somente os jovens de CG e JP conseguiam, mesmo com todas as dificuldades, produzir seus filmes na Paraíba, isso hoje se modificou, revelando uma maior penetração geográfica e a multiplicação quantitativa e qualitativa da produção cinematográfica paraibana como não se testemunham em nenhum outro estado brasileiro; seja em um estado vizinho como PE com seus atuais R\$20 milhões investidos no Setor, mas, infelizmente, quase todo concentrado em Recife e, quando muito, em Olinda; seja nos distantes estados do Sudeste, como RJ e SP, que, mesmo com toda a invejável verba dedicada através de políticas públicas próprias a esta área, ainda assim, “mordem” grande parte dos recursos das leis nacionais de incentivos, que é destinada, grosso modo, a algumas poucas ruas de cada um destes estados⁴⁰, onde se localizam as produtoras que catalisam tais incentivos. O que percebemos é a forte concentração orçamentária em dado número de poucas ruas de alguns bairros das capitais dos estados citados em nossa análise comparativa. Isto causa a desigualdade na produção cinematográfica, como nos apontam os estudos de MICHEL & AVELLAR (2012), nos quais a Paraíba, dentre outros estados, sequer é citada:

A Tabela 2 mostra o total de filmes produzidos no período e a Unidade Federativa de origem da obra. Percebe-se que o estado do Rio de Janeiro lidera a produção, com mais da metade da produção, seguido de São Paulo. **Os dois estados em conjunto respondem por quase 90% da produção total.** (*Grifos nossos.*)

TABELA 2. PRODUÇÃO DE FILMES NACIONAIS POR UF (1995 A 2008)

UF	Frequência	%
Rio de Janeiro	316	58,63
São Paulo	158	29,31
Rio Grande do Sul	23	4,27
Minas Gerais	13	2,41
Distrito Federal	7	1,3
Ceará	5	0,92
Bahia	4	0,74
Paraná	4	0,74
Pernambuco	3	0,56

⁴⁰ No RJ, a *Diler & Associados*, que, entre 1995 e 2008, destacou-se em 1º lugar em captação de recursos pelas leis de incentivos fiscais: R\$ 88 milhões (9,94%), situa-se na R. Luís Sérgio Person, 169, Barra; a 2ª colocada foi a *Filmes do Equador LTDA* de Luiz Carlos Barreto, com R\$52 milhões (5,87%), que fica na R. do Passeio, 70/SL 502, Centro; a *Conspiração Filmes e Entretenimento*, que também possui representação em MG e em SP, ficou em 3º lugar, com R\$46 milhões (5,24%), sediada na R. Teresa Guimarães, 144, Botafogo; a *O2 Filmes* do RJ se localiza na R. Pereira da Silva, 602, Laranjeiras, mas também possui uma imensa produtora em SP (<http://o2filmes.com.br/sede>), e está na lista das 10 grandes produtoras captadoras de recursos nacionais. Como se pode conferir em <http://www.cenacine.com.br/wp-content/uploads/mapa-da-mina.pdf>, ainda há enorme concentração financeira, pois quase 1/5 dos recursos nacionais é destinado a somente 4 ruas cariocas.

Santa Catarina	3	0,56
Espírito Santo	2	0,37
Mato Grosso	1	0,19
Total	539	100

Fonte: elaboração própria a partir de dados da Ancine (2010). (MICHEL & AVELLAR, 2012, p. 44).

Enquanto a geração de cineastas paraibanos anterior a de agora (considerando-se o tempo de iniciação na área durante a juventude daqueles e não o de produção, uma vez que, como dissemos, a maioria deles continua na ativa) deve uma parcela de sua formação cinematográfica à bolsa de estudos conseguida para vivenciar, em espaço estrangeiro, o Cinema Direto, na França; parte da atual geração situada no interior do extremo Oeste da Paraíba, diferentemente, obteve toda a sua formação audiovisual, em seu próprio local de moradia ou em cidades vizinhas, com projetos de organizações não-governamentais ou de extensão universitária que partiram, sobretudo, da capital ao encontro deles, como os já referidos *Cinestésico*, *VIAção Paraíba* e JABRE.

A despeito de suas possíveis diferenças e semelhanças, e apesar da falta de investimento digno no Setor Audiovisual na Paraíba, essas duas gerações produzem cinema que continua sendo valorizado nos espaços e janelas em que se inserem. Citamos a experiência de Ramon Batista, nascido e morador de um sítio em Nazarezinho/PB que nunca havia ido a uma sala de cinema antes de participar da primeira edição do JABRE, em 2011, na cidade do Congo/PB, e dele sair como vencedor (os participantes elegem os que consideram ser os 2 melhores roteiros desenvolvidos ao longo do Laboratório; e o roteiro desse jovem sertanejo foi o mais votado, na ocasião).

O prêmio foi a produção audiovisual de seu roteiro, pelo convênio firmado entre o JABRE e a produtora *Pigmento Cinematográfico*, para a sua coparticipação através da cessão de honorários de seus profissionais e do aluguel de seus equipamentos, bem como pelo agendamento de transporte gratuito junto à UFPB. Os únicos custos negociados pelo realizador junto a comerciantes e políticos de sua cidade ficaram a cargo da hospedagem e alimentação da equipe técnica durante a gravação. Ou seja, os jovens são selecionados para entrar no JABRE com um argumento, de onde saem com um roteiro próprio desenvolvido em processos individuais e coletivos durante a metodologia de criação do Laboratório, mas, a princípio, apenas um dos participantes poderá efetivamente concretizá-lo em audiovisual através da premiação final. Notamos ao pesquisar as 4 edições do JABRE que isso vem se modificando. Um pouco a partir de estratégias elaboradas por alguns de seus próprios jovens

participantes, como também pelo crescente interesse que algumas produtoras⁴¹ da PB e de PE vêm demonstrando em ter seu nome associado a alguma produção recém saída do JABRE, dado o reconhecimento de sua qualidade.

Alguns jovens roteiristas, entusiasmados com a ideia de realizar seus curtas, criaram mecanismos de produção, seja através da camaradagem, da "brodagem" que ocorre nas ações entre amigos (como Dhiones Nunes que aproveitou a presença de profissionais com equipamentos digitais no 5º Cine Congo que organizou em sua cidade, para a produção do filme *Dito*, cujo roteiro havia desenvolvido no III JABRE: alimentação, transporte, hospedagem já estavam garantidos pelos patrocinadores e apoiadores do evento, ou seja, dois coelhos e uma só cajadada); seja através da organização de rifas, festas ou de solicitações junto ao comércio, à Prefeitura e à Câmara de Vereadores (como o roteiro de *Capela*, de Ramon Batista, gravado 2 anos depois de sua participação no I JABRE e que contou com o apoio da Prefeitura Municipal de Nazarezinho, mas também com o aporte financeiro da produtora pernambucana *Taquary Filmes* em troca de percentual de participação em possíveis prêmios monetários que arrematasse, o que de fato vem ocorrendo); ou ainda inscrevendo seus projetos em editais públicos (como estes desenvolvidos no II JABRE: o roteiro de *Praça de Guerra*, de Edmilson Gomes, foi contemplado pelo *Fundo de Incentivo à Cultura Augusto dos Anjos-FIC/2012*, do Governo do Estado da Paraíba, dentre os orçados até R\$ 20.000,00; e o de *Sophia*, de Kennel Rógis, pelo *Editais Linduarte Noronha/2012*, do Governo da Paraíba, recebendo R\$10.080,00 para a sua produção).

Fogo-Pagou (2012), primeiro filme do jovem vencedor do I JABRE, Ramon Batista, foi selecionado para diversos festivais e mostras e recebeu mais de 15 prêmios em diferentes estados do Brasil, tendo dividido, por exemplo, com a paulista Iris Junges, diretora de *Serra do Mar*, os R\$20 mil da primeira edição do *Prêmio Itamaraty para o Curta-metragem Brasileiro*⁴², de cujo júri participou o diretor-geral da Semana da Crítica de Cannes, Charles Tesson, no *23º Festival Internacional de Curtas de São Paulo*, em 2012. O prêmio possibilitou a realização de seu segundo curta: *Capela*.

Já *Sophia* de Kennel Rógis recebeu até agora 26 prêmios, dentre eles, o da Embaixada da França que permitirá ao diretor sertanejo exibir e debater seu filme na Cinemateca

⁴¹ O II JABRE, em 2012, foi o que mais premiou roteiros, em um total de 5, ou seja, a metade dos participantes: 1) Prêmio Pigmento Cinematográfico - *Ilha*, de Ismael Moura (Cuité-PB), que já recebeu até agora 41 prêmios; 2) Prêmio Fajuta e Por que não? Filmes - *Candeeiros*, de Adriano Roberto (São José dos Ramos-PB); 3) Prêmio NPD - *Dragão do Canavial*, de Allan Marcus Cavalcante (Alagoa Grande-PB), em pós-produção; 4) Prêmio Pontão de Cultura Portadores de Eficiência (Cuité) - *Monturo*, de Luciana França (Catolé do Rocha-PB), não iniciado; e 5) Prêmio Botija Filmes - *Dito*, de José Dhiones (Congo-PB).

⁴² Cf. <http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/cinema/2012-09-01/conheca-os-vencedores-do-festival-internacional-de-curtas-de-sao-paulo-2012.html>

Francesa, em maio de 2015, comprovando o imenso potencial e a maturidade estética do jovem cinema paraibano. Imaginem se houvesse recursos dignos dos setores privados e públicos destinados com regularidade e eficiência ao Setor Audiovisual da Paraíba!

O Laboratório Jabre

O JABRE possui o apoio do terceiro setor (*Associação Cultural do Congo-ACCON*); do setor público (Prefeitura Municipal local); e do setor privado (Grupo Paz Lucas - *Pousada Paraíso da Serra*). Tal ação visa descentralizar e socializar, dentre jovens oriundos de diversas regiões do interior paraibano, tanto o acesso às informações quanto o processo de formação no mundo da produção cinematográfica, desvelando e desmitificando esse fazer.

O período de propositura das candidaturas é anunciado no blog do Laboratório e as inscrições são realizadas por e-mail, através do envio de até 2 argumentos cinematográficos; da relevância da abordagem de cada tema apresentado; e dos dados pessoais do candidato. Em torno de 10 argumentos são selecionados anualmente (em 2014, foram 14). Em caso de inviabilidade de participação, a vaga é ocupada por um suplente.

A metodologia do JABRE pressupõe, além de relaxamento poético à noite em torno da fogueira e sob o céu estrelado do Cariri, a exibição de audiovisuais de diversas nacionalidades seguida de debate; a socialização dos argumentos de cada um para todos os participantes; a formação de três subgrupos de trabalho pelos quais os coordenadores e monitores circulam, sendo um para os argumentos ficcionais, outro para os documentários e o terceiro para os híbridos; a discussão coletiva dos projetos de roteiro a partir dos argumentos modificados nos subgrupos; a retomada do trabalho individual; nova reunião dos subgrupos; reunião geral para a apresentação dos roteiros finalizados; eleição dos roteiros a serem premiados; exibição de filmes indicados e comentados pelos próprios participantes; e confraternização final.

As projeções de produtos audiovisuais, muito mais que objetos de simples fruição (LEONE e MOURÃO, 1987; MARTIN, 1990), possibilitam o ensino e o desvelamento da linguagem cinematográfica, bem como a promoção de debates com a presença de convidados (como as atrizes paraibanas Marcélia Cartaxo e Soya Lira, o cineasta fluminense radicado em JP, Gian Orsini, e a consultora da Fundação Cultural de João Pessoa-FUNJOPE, Cristiane Fragoso), estimulando trocas e reflexões sobre educação, comunicação, cultura, extensão (FREIRE, 2011) e outras questões de interesse local, nacional e mundial abordadas nas obras exibidas.

A pauta de filmes prioriza a produção paraibana, mas não exclui outras, cumprindo o princípio cineclubista de promover debates após a exibição, socializando com os sujeitos as características da linguagem audiovisual, qualificando-os em sua formação na leitura

reflexiva das mídias e nas criações experimentais. O processo de discussão e de seleção dos temas desenvolvidos nos roteiros parte sempre de uma perspectiva descentralizada e democrática, na qual todos opinam e sugerem, uma vez que consideramos que o caráter formativo das atividades pode ser entendido em três diferentes dimensões: a) o próprio processo de exibição e de vivência proporcionada pelos debates; b) o processo de discussão das atividades e de seus resultados; e c) a oferta de conteúdos diversificados e de esclarecimentos sobre Linguagem Cinematográfica para a criação de roteiros e produções audiovisuais.

Estimulam-se a reflexão e a produção de audiovisuais, em torno de temáticas significativas para os participantes, percebendo-os como representantes legítimos das comunidades às quais pertencem; mas convida-os também à troca e à abertura intelectual para os modos de percepção e recepção de diferentes universos, ao vivenciarem o processo que parte do argumento construído individualmente para chegar, seguindo uma metodologia que pressupõe dinâmicas de coletividade, à produção dos roteiros propriamente ditos.

Percebemos que tanto as produções audiovisuais já realizadas a partir dos roteiros desenvolvidos durante as 4 edições do JABRE (*Fogo-Pagou e Capela*, de Ramon Batista de Nazarezinho/PB; *Sophia*, de Kennel Rógis de Coremas/PB, *Dito*, de José Dhiones, do Congo/PB, *Candeeiro*, de Adriano Roberto de São José dos Ramos/PB; *Praça de Guerra*, de Edmilson Gomes de Catolé do Rocha/PB; e *Ilha*, de Ismael Moura, de Cuité/PB⁴³) quanto as que ainda estão em processo de produção (*Stanley suicidou-se*, de Paulo Roberto de Nazarezinho/PB; *Detetives*, de Gian Orsini de João Pessoa/PB), passando ainda pela recepção das mais recentes produções dos coordenadores do Laboratório (*Transmutação*, de Torquato Joel⁴⁴, de Sousa/PB; e *Adiós, Jampa Vieja!*, de Virgínia Silva⁴⁵, do Rio de Janeiro/RJ, mas

⁴³ Destacamos que esses jovens protagonizam em suas cidades exposições e debates de filmes, seja através da participação em oficinas, da organização de cineclubes ou pela produção de festivais e mostras, como é o caso do CineCongo (<http://www.cinecongo.com/>), do Curta Coremas (<http://www.curtacoremas.com.br/>), do Curta Cuité (<http://curtacuite.blogspot.com.br/>), ou do Projeto Xique Xique (arede.inf.br/edicoes-antiores/239-edicao-n-97-marco-abril-2014/6693-cultura-uma-saga-social-na-caatinga , <http://forumlgbtcatole.blogspot.com.br/2012/09/gf-lgbt-catole-participara-da-mostra-de.html> e projetoXiqueXique.webnode.com/sobre-nos/) com que estão diretamente envolvidos.

⁴⁴ Participou do Ateliê de Cinema Direto do NUDOC. Em 1982 e 1986, realizou estágios de aperfeiçoamento em cinema direto no Atelier de Réalisation Cinématographique-Varennes (Paris). Em 1986, passou a trabalhar com 16mm e em 1992, experimentou o VHS, realizando *A alma da pedra*, premiado na Jornada Internacional de Cinema da Bahia. Entre 1992 e 1996, trabalhou como roteirista, assistente de direção e montador na Paraíba. A partir de 1996, realizou vários curtas em 35mm, entre eles, *Passadouro*, ficção, 35mm, 1999, que ganhou 19 prêmios, dentre eles o de Melhor Filme no Festival de Gramado, Melhor Documentário no Festival de Recife e Melhor Direção no Festival de Brasília. Em 2000, foi um dos convidados a fazer um vídeo para a Mostra 50 Anos de TV, originando *Cochichola existe, é aqui!*. Seu vídeo documentário *A margem da luz* recebeu 14 prêmios em festivais. *Transubstancial*, curta experimental, 35mm, conquistou 15 prêmios, incluindo Melhor Filme da Crítica no Festival de Brasília. Alguns de seus trabalhos mais recentes são os curtas: *Gravidade*, *Aqui*, *Estes* e *Transmutação*.

⁴⁵ Roteirista e Diretora, dentre outros, de *Adiós, Jampa Vieja!* (2013), cujo roteiro recebeu o Prêmio Linduarte Noronha do Governo do Estado da Paraíba, em 2012; *Putá Luta* (2009); *Mulheres em Campus* (2008), premiado como Melhor Documentário no Festival Universitário de Música, Cultura e Arte, João Pessoa-PB; *Ditados Populares* (2008), roteiro

ambos radicados em João Pessoa/PB) em muito estimula o crescimento pessoal, profissional e da autoestima desses jovens de locais sem acesso ao cinema.

Tal experiência congrega temáticas muito diversas e perspectivas de formatos e abordagens bem distintas – desde a credence popular e o uso da voz *over* em *Dito*; até a bem fotografada e difícil relação cotidiana entre um pai idoso e seu filho portador de necessidade especial isolados em *Ilha*; passando pelo virtuosismo sonoro que acompanha ou antecipa as cenas públicas e privadas do dia a dia de mãe e filha em *Sophia*: não há limites para a imaginação e nem dogmas para o processo criativo cinematográfico. O que se percebe nos projetos desenvolvidos até agora no JABRE é o desejo de se encontrar o ritmo mais apropriado, lograr atingir a estética perseguida pelos jovens realizadores para melhor traduzir a ideia posta no papel para o suporte audiovisual. Ao final de cada JABRE, sempre se possibilita aos participantes a avaliação das atividades desenvolvidas, e percebemos em nossas pesquisas que a maioria afirmou não ter informações sobre a linguagem cinematográfica, antes de participar desse processo.

Ressaltamos tanto o apoio da Prefeitura do Congo, da ACCON e dos sócios da *Pousada Paraíso da Serra* quanto dos participantes do JABRE, o que nos faz compreender a importância da dimensão participativa nos processos formativos. Apontamos ainda como extremamente relevante o papel educativo das reuniões realizadas com os jovens selecionados para o JABRE, nas quais partilham suas experiências. cremos, dessa forma, ser de fundamental importância a aproximação na academia entre extensão, ensino e pesquisa. Lamentamos, no entanto, que, por falta de condições estruturais, essas ações ainda fiquem limitadas a um quantitativo restrito de participantes. Enfim, testemunhamos uma gama de sensações e impressões conceituais, materiais e simbólicas, que denotam a força conotativa que o cinema impregna, tanto dentre seus admiradores mais frequentes quanto dentre seus espectadores eventuais. Podemos afirmar que a leitura crítica de produtos audiovisuais é fundamental para que os espectadores questionem os estereótipos e valores usualmente veiculados pelos produtos do grande circuito comercial.

Concluindo

Considerando-se os audiovisuais como materiais fundamentais na produção de conhecimentos em seu diálogo com leituras trazidas de outras agências formadoras, notamos que ações como as realizadas pelo JABRE buscam contribuir para a leitura crítica, capaz de

premiado pela *Para Iwa; Aceita uma balinha?* (2007), roteiro premiado pelo 2º Concurso Nacional de Curtas Pró-Cidadania, da Sociedade Eticamente Responsável-SER, apoiado pelo MinC. Corroteirista e codiretora, ao lado de Mailsa Passos, do curta *Diabolín* (2014), premiado como Melhor Filme da Mostra Nordeste no 6º CineCongo-PB e com o 2º Lugar na Categoria Documentário do Curta Criativo-2014.

dialogar reflexivamente com os estereótipos que nos cercam cotidianamente. Todo esse cenário nos legitima a concluir que o ato de se fazer audiovisual, muito embora seja compreendido dentro da universidade como mais um elemento pedagógico, ainda precisa ser institucionalizado, haja vista a luta da categoria de profissionais do audiovisual para que haja dignidade no aporte de verbas para o setor no estado da Paraíba. Vemos, assim, que, no passado, a Paraíba contou com o auxílio luxuoso das instituições de ensino superior, sobretudo, através do convênio existente entre a UFPB e o *Atelier Varan*, por mero acaso, já que tal acordo iria ser firmado com a UFBA, o que, por um capricho do destino, não pode ser viabilizado, tendo a UFPB se candidatado, então, no vácuo dessa oportunidade e no hiato da desistência baiana.

E, no presente, infelizmente, ainda testemunhamos as práticas de se empurrar o problema para debaixo do tapete, como de praxe vemos ocorrer na lida do Poder Público para com a política do audiovisual do estado, bem como o constante desinteresse demonstrado por parte do capital privado em investir nesta área. Ou seja, o Setor necessita ainda contar com um processo sério e dedicado de criação de políticas públicas (federais, regionais, estaduais e/ou municipais) e de campanhas para o discernimento do que seja a possibilidade de retorno do investimento privado na indústria criativa (em forma de participações nos lucros ou na mitigação de impostos) para o pleno fomento de sua capacidade artístico-econômica em torno do audiovisual.

Referências Bibliográficas

- AMORIM, L.; FALCONE, F. T. (Orgs.): *Cinema e memória: o super-8 na Paraíba nos anos 1970 e 1980*. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2013.
- AZEVEDO, R. "Luz, câmera, Campina: Hollywood pode ser aqui." In: RANGEL JR, A. G. & SOUSA, C. M. de. *Campina Grande hoje e amanhã*. [E-book]. Campina Grande: EDUEPB, 2013. p.121-125.
- BERNARDET, J-C. *Cinema Brasileiro: propostas para uma história*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- HOLANDA, K. *Documentário Nordestino: Mapeamento, História e Análise*, São Paulo: Annablume, 2008.
- LEONE, E.; MOURÃO, M^a. *Cinema e montagem*. São Paulo, Ática, 1987.
- LIRA, B. "A produção cinematográfica superoitista em João Pessoa (de 1979 a 1984) e a influência do contexto social/econômico/político e cultural em sua temática." In: Cadernos de Textos. João Pessoa, nº 8, 1986, p.5-12.

MARTIN, M. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

MICHEL, R. C.; AVELLAR, A. P. “A indústria cinematográfica brasileira: uma análise da dinâmica da produção e da concentração industrial.” In: *Revista de Economia*, v.38, nº1, p.35-53, Ed. UFPR, jan./abr. 2012.

MIRANDA, L. F.; RAMOS, F. *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*, São Paulo: Senac, 2012.